

A IMPORTÂNCIA DAS REGRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

THE IMPORTANCE OF RULES IN CHILD EDUCATION

Carla dos Santos Moraes¹

Claudia Walkiria Faria de Souza²

Rosatia Byanca Curado de Siqueira³

Rosilaine Martins Ferreira⁴

Rosivania Martins Ferreira Costa⁵

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar como são dadas restrições e “regras” às crianças na educação infantil. Diante da falta de constrangimentos que as crianças têm umas com as outras e com seus educadores, o interesse pelo assunto é tão observado quanto o autoritarismo exacerbado, gritos e ameaças dos adultos. O fato de educadores que não fornecem rotinas para crianças e pais não as seguirem quando elas existem, ajuda as crianças a não entenderem os horários, comportamentos e regras que devem existir e que existem em todos os ambientes em que vivemos. Sejam teóricos tradicionais ou não, todos concordam que as crianças têm melhor convivência social quando as restrições são apresentadas a elas, elas entendem quais atitudes podem ter para que sejam menos tendenciosas e desenvolvam um pensamento crítico-social mais consistente e positivo. É fácil perceber a dificuldade como educador com esse assunto, pois o número de alunos e as questões sociais e familiares que os permeiam também favorecem algum tipo de abandono das regras. Muitos parecem preferir manter as crianças como já são, mesmo alegando que não é responsabilidade da escola, dizendo que a educação se aprende em casa. No entanto, este artigo tenta confirmar que a contenção de crianças é responsabilidade de cada indivíduo, família, escola e sociedade. Restrições não são disciplinas, restrições são regras que facilitam a vida de todos. As crianças são os adultos de amanhã e, portanto, é necessário investir nelas uma educação completa com conteúdo científico e social.

Palavras-chave: Limites. Educação. Educação Infantil.

ABSTRACT: The purpose of this article is to analyze how restrictions and “rules” are given to children in early childhood education. Given the lack of constraints that children have with each other and with their educators, interest in the subject is as observed as the exacerbated authoritarianism, screams and threats from adults. The fact that educators do not provide routines for children and parents do not follow them when they exist, helps children not understand the schedules, behaviors and rules that must exist and that exist in all environments in which we live. Whether traditional theorists or not, everyone agrees that children have better social coexistence when restrictions are presented to them, they understand what attitudes they can have so that they are less biased and develop more consistent and positive critical-social thinking. It is easy to see the difficulty as an educator with this subject, as the number of students and the social and family issues

¹ Ensino Médio Técnico em Magistério pelo Colégio Estadual Jalles Machado.

² Graduada pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, Especialista em Educação Especial e Inclusiva pela Faculdade UNINA,

³ Graduada em Pedagogia pela FIAVEC - Faculdades Integradas de Várzea Grande, Especialista em Educação Especial pela FACIB - Faculdades Impactos Brasil.

⁴ Graduada em Pedagogia Faculdade INVEST de Ciências e Tecnologia, Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental pela FEICS - Faculdades Evangélicas Integradas Cantares de Salomão.

⁵ Graduada em Pedagogia Faculdade INVEST de Ciências e Tecnologia, Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental pela FEICS - Faculdades Evangélicas Integradas Cantares de Salomão.

that permeate them also favor some kind of abandonment of the rules. Many seem to prefer to keep children as they are, even claiming that it is not the school's responsibility, saying that education is learned at home. However, this article attempts to confirm that child restraint is the responsibility of every individual, family, school and society. Restrictions are not disciplines, restrictions are rules that make everyone's life easier. Children are the adults of tomorrow and, therefore, it is necessary to invest in them a complete education with scientific and social content.

Keywords: Limits. Education. Child education.

1 INTRODUÇÃO

Por meio de uma análise teórica de experiências práticas na educação infantil, este artigo busca refletir e buscar possíveis caminhos para enfrentar a dificuldade de estabelecer limites/regras no cotidiano das crianças.

O que os educadores devem fazer quando as crianças não os respeitam? Os profissionais que atuam na educação infantil sabem tratar as crianças que não possuem limites ou que não respeitam as restrições? Como a falta de limites pode interferir no desenvolvimento social de uma criança? Essas questões são as mais proeminentes no desenvolvimento deste artigo e as escolhas teóricas que sustentam este artigo são guiadas por essas questões.

2116

2 DESENVOLVIMENTO

Restrições, regras, tais palavras fazem a sociedade criticar a "educação", alegando que as crianças não as têm, ou não as seguem. No entanto, tais atitudes não foi imposto a elas, nem foi ensinado. Quando a sociedade quer justificar essa corrupção, culpa as escolas.

A escola e a sociedade como um todo devem ajudar no desenvolvimento intelectual e pessoal das crianças, incluindo a necessidade de estabelecer regras.

[...] a escola é, portanto, um espaço de desenvolvimento e aprendizagem, e para que isto ocorra, é preciso que a criança não se sinta limitada nem por barreiras espaciais nem por restrições da equipe pedagógica, ao mesmo tempo em que aprende a lidar com regras e normas, outra exigência da vida em sociedade (FERNANDES E ELALI, 2008, p. 42).

E isso parece ser uma grande dificuldade para pais e professores, pois como estabelecer limites para as crianças sem causar traumas a elas? Nos dias de hoje percebemos esse tipo de pensamento aparecendo em demasiado e parece que há um certo medo de

contradizer as crianças. Estas que se tornaram o centro da família, pois tem um número reduzido de filhos e os pais procuram investir em educação científica e presentes para agradá-los.

Vigostki (2010, p. 63) descreve a educação como uma natureza social. Portanto, a experiência de mundo do aluno deve ser considerada, pois deve servir de base para o trabalho docente. Vygotsky dizia que não se pode educar os outros, a pessoa deve se educar a partir de sua própria experiência. Os educadores/professores educam as crianças ao mudar ou proporcionar mudanças no ambiente, o que é uma dupla tarefa, pois os professores são organizadores e gestores do ambiente educacional/escolar: daí derivamos a seguinte fórmula para o processo educacional: a educação é feita pela própria experiência dos alunos, que é inteiramente determinada pelo ambiente, em que o papel do professor é organizar e regular o ambiente (VIGOSTKI, 2010, p. 67).

Portanto, deve-se mostrar às crianças as regras e deixá-las aprender a necessidade de segui-las. Os pais, por sua vez, sentem-se culpados por ter um trabalho estressante e precisar de muito tempo, e por isso passam cada vez menos tempo com os filhos, o que leva muitos pais a acabarem "mimando" muito os filhos e não ensinando-lhes limites. O fato de os pais também serem, às vezes, afastados da escola dificulta ainda mais a imposição de restrições, pois o trabalho com as crianças depende de um esforço conjunto entre família e escola.

Porém, quando falamos em limites e/ou regras, professores e pais pensam rapidamente em disciplina e em bons alunos, comportando-se bem, não questionando, seguindo as “regras”, enfim, quem não incomoda ninguém, quem é disciplinado:

A verdade é que a disciplina é um termo muito genérico e, quando se refere à escola, somos levados a reduzi-la à indisciplina do aluno e à punição deste no sentido de contê-lo para torná-lo obediente, passivo, restaurando a tão propalada disciplina que, neste caso, significa a manutenção da ordem estabelecida (RIBAS; CARVALHO; SCHIDT., 1989, p. 30).

Observou-se que as restrições às vezes são confundidas com disciplina, controle excessivo e até antidemocrático. Porque é visto como uma forma de “moldar” uma criança.

Antes de pensar profundamente sobre as limitações da própria educação infantil, é importante estabelecer um conceito de limitações. Yves de La Taille fala sobre a superação de limitações, que existem para serem superadas, como explica na seguinte citação:

Quando se trata de superar limitações, La Taille questiona a forma como as crianças são ensinadas, dizendo que não devemos apenas impor limitações, devemos ajudar seu desenvolvimento cognitivo e emocional para que possam entender as regras.

[...] “limite” significa também aquilo que pode ou deve ser transposto. Toda fronteira, todo limite separa dois lados. O problema reside em saber se o limite é um convite para passar para o outro lado ou, pelo contrário, uma ordem para permanecer de um lado só (LA TAILLE, 1999, p. 12).

Como menciona Vygotsky (2010, p. 314), o que se pode fazer é um acordo com as crianças: não é a obediência a ninguém, mas a liberdade de assumir a forma de comportamento que garante a justiça no comportamento geral. Esse mecanismo não é algo estranho, imposto às crianças, mas sim sua natureza, e o brincar é um mecanismo natural para desenvolver e unificar essas habilidades. Em nenhum lugar o comportamento de uma criança encontra tantas regras quanto nos jogos, e em nenhum lugar essa forma de educação liberal e moral é empregada. Não se trata de formas quaisquer, ditadas pelos adultos à criança.

Deve-se escapar da tirania e nunca usar castigos corporais ou morais. Mas não podemos ser superprotetores com as crianças, porque elas precisam conhecer os contratempos da vida. Este é um grande erro para os educadores: superprotegerem as crianças.

2118

Quando o problema é um conflito entre crianças, estes são resolvidos com brinquedos perdidos ou punições, como deixá-las na sala de aula enquanto outras brincam no solário. As crianças ouvem gritos sem entender o porquê, ou não são repreendidas e/ou corrigidas, por simplesmente serem consideradas incapazes de "obedecer". No entanto, os educadores nunca se esforçam para explicar por que as crianças devem se comportar de uma determinada maneira. Todos os dias as crianças têm que formar uma roda sentadas no tapete e porque o espaço é pequeno, elas se empurram e brigam. A professora, também não seguindo sua rotina (de horário) e mudando a forma de organizar as crianças, as repreende e faz com que sintam vergonha, o que pode afetar o estado emocional das crianças.

Segundo Piaget, a criança aprende com os exemplos, com as experiências que vivem. Piaget cita o fato de o pensamento da criança surgir de acordo com o ambiente no qual esta está inserida. Fala até do fato de irmãos mais velhos que influenciam os mais novos [...] seu

desenvolvimento dependerá muito da educação recebida, a qual pode querer favorecer a adaptação ao real, quer manter as explicações míticas (PIAGET, 1975 p. 318). Se o ambiente não for favorável, como a criança irá aprender? Que exemplo de conduta esta criança terá? Piaget cita a moral heterônoma, que é a ideia de adulto referência aquele em quem a criança irá se inspirar:

[...] na moral heterônoma, os sentimentos morais da criança refletem a vontade do adulto significativo. A moral heterônoma (ou moral obediência) estabelece como critério de bem e mal a vontade dos adultos. Há, portanto, a necessidade de o educador não abusar de sua autoridade. A relação entre o adulto e a criança deve sempre considerar o diálogo e o respeito para que contribua na superação da moral heterônoma e para a construção da moral autônoma. A educação deve fomentar as relações entre as crianças, promovendo o conhecimento e o intercâmbio entre elas. A estimulação de cooperação entre iguais, por meio do trabalho em pequenos grupos, auxilia na diminuição da coação e no aumento da autonomia. (STOLTZ; MINDAL; VALENTE, 2010 p. 27)

Com base nessa afirmação, é fácil questionar: como essas crianças vão aprender a hora de falar? Sobre não poder atacar os colegas? Sobre respeitar um ao outro? As atitudes observadas muitas vezes são assustadoras, pois ao observar a brincadeira agressiva das crianças, as professoras se questionam se poderiam intervir e eles dizem que não é necessário, mas punem as crianças quando elas se machucam.

2119

[...] a de que com o passar do tempo, ao contrário de reforço, a punição atua em desvantagem para ambos, tanto para o organismo punido quanto para o agente punidor. [...] mandando uma criança para fora da classe por mau comportamento, podemos estar reforçando comportamento de fuga. Seus comportamentos na sala de aula não são positivamente reforçados, de modo gera, deixar a sala de aulas pode ser reforçado pela fuga de uma situação aversiva (MILHOLLAN E FORISHA, 1978, p. 99).

Então, claramente, a punição não é agradável nem desejável. Para entender como devemos lidar com os limites com as crianças, devemos considerar seu comportamento "natural". Temos que entender por que das contínuas discussões sobre atenção, brinquedos e qualquer outra coisa que desperte sua curiosidade.

Os professores devem fazer regras para as crianças levando em consideração a idade delas, pois temos que respeitar o desenvolvimento cognitivo e físico das crianças. As crianças observadas são todas autocentradas no período sensório-motor de Piaget. Uma das principais características é o egocentrismo psicológico ou a tendência de relacionar tudo ao

seu próprio ponto de vista, como se fosse o centro do universo como todo mundo. Tudo o que é criado é criado para o ser humano e é expressão do antropocentrismo (STOLTZ; MINDAL; VALENTE, 2010, p. 25).

No entanto, ele também já sabe obedecer e até estabelecer regras, como notamos nas brincadeiras, quando as crianças brincam e seguem fielmente todas as regras que elas mesmas fazem:

[...] tanto o jogo simbólico como a imitação devem ser estimulados no período pré-operatório. E isso de diferentes maneiras: trabalho com linguagens, desenho, teatro, brincadeiras de faz-de-conta, jogos, música, dança e brincadeira livre. É importante que a criança crie seu enredo a partir de suas necessidades. [...] (STOLTZ; MINDAL; VALENTE, 2010 p. 26).

Quando Stoltz fala sobre o enredo de acordo com suas necessidades, voltamos ao exemplo acima, pois as crianças demonstram a necessidade de regras e restrições no jogo para que ele possa continuar do jeito que quiserem.

Vigostki (2010, p. 63) também fala sobre a importância do brincar na construção das emoções, pois regras e comportamentos exigem que as crianças aprendam a processar seus próprios sentimentos, compartilhar, esperar sua vez e entender que não são os únicos que importam.

Portanto, é fácil perceber que as crianças esperam certa autoridade dos adultos, pois sem autoridade os alunos não podem se posicionar ou mesmo desenvolver uma consciência crítica sobre si mesmos. No entanto, não podemos confundir autoridade com autoritarismo. A autoridade nasce quando os professores usam o diálogo e entendem a importância desse conselho, por exemplo, como mediador entre orientar e dar liberdade de expressão.

Para termos crianças que saibam lidar com os outros e que respeitem os limites, temos que ensiná-las desde cedo a programar rotinas e determinadas tarefas, como alguns autores disseram das atividades robotizadas que os relacionamentos rotineiros produzem "mau comportamento". Quando falamos de regras, temos que pensar que a criança já conhece seu conceito, então o professor deve buscar a ajuda da criança na sala de aula para estabelecer as regras que devem ser obedecidas nesse ambiente.

[...] para ajudá-las a construir regras de conduta e estabelecer limites, é preciso levar em conta as necessidades das crianças, ou seja, aquilo que as faz agir em cada momento. Se não forem sempre incentivadas em suas boas ações não haverá

grandes avanços entre um e outro estágio de desenvolvimento. A construção de regras se dá, também, através dos jogos infantis, especialmente nas brincadeiras de faz de conta. Ao brincar, as crianças de dois a seis anos, buscam reproduzir padrões e comportamento que prevalecem em seu grupo social. Toda situação de faz de conta contém normas de conduta implícitas que levam a criança a assumir papéis sociais, ou seja, a imitar alguém em determinada situação (MACHADO, 2007, p. 47).

Professores e pais devem dar o exemplo para as crianças, ou seja, devem seguir as regras. A criança também precisa se sentir amada e respeitada, inclusive nos protocolos que ajudou a criar, e se o professor não seguir as regras, as crianças também não irão segui-las.

As escolas “moldam” as crianças e as ajudam a desenvolver um “comportamento moralmente correto”. No entanto, só ensinamos moralidade por meio do comportamento moral, e a pregação de sermões morais não resolve nada.

Sermões são apenas discursos que estão desconectados do comportamento das crianças, e é por isso que é tão difícil para elas entenderem dessa forma.

Um bom exemplo é a professora gritando para calar os alunos, em certa manhã a educadora estava gritando a manhã toda, seu comportamento era tão agitado pelas crianças que nenhuma delas a respeitou e/ou atendeu ao seu pedido. Este é um grande exemplo da futilidade de qualquer forma de agressão. E a agressão pode ainda fazer com que a criança se torne mais agressiva como cita Machado (2007, p. 51): “[...] a verdade é que não se pode eliminar um mal cometendo, um mal cometendo um outro maior ainda. A agressão gera a agressão. Bater numa criança lhe provoca mais raiva ainda [...]”.

2121

[...] às vezes ela representa a dificuldade do aluno para ser reconhecido: outras é a expressão dos maus tratos que recebe ou dos problemas familiares. Também pode ser expressão da crise econômica, das dívidas, do desemprego, dos pequenos espaços que, por desgraça, muitos têm por moradia [...] (PARRAT-DAYAN, 2008, p. 9).

Dito isso, antes de simplesmente punir uma criança, devemos tentar entendê-la e entender sua origem socioeconômica, seu comportamento familiar, como os colegas a tratam e se a escola dá atenção a ela e às suas necessidades sociais e emocionais.

[...] a disciplina consiste num dispositivo e num conjunto de regras de conduta destinadas a garantir diferentes atividades num lugar de ensino. A disciplina não é um conceito negativo; ela permite, autoriza, facilita, possibilita. A disciplina permite entrar em uma cultura da responsabilidade e compreender que as nossas ações têm consequências. Quem olha para a disciplina como algo negativo não

entende o que é. Ser disciplinado não é obedecer cegamente; é colocar a si próprio regras de conduta em função de valores e objetivos que se quer alcançar (PARRAT-DAYAN, 2008, p. 8).

As crianças precisam entender desde cedo o porquê estão seguindo as regras e também devem aprender a participar de sua construção.

Sejam claras e precisas Sejam compreensíveis para as crianças. Sejam curtas Não entrem em contradição com outras. Não sejam excessivamente numerosas. Sejam dadas uma de cada vez e a razoáveis intervalos de tempo. Não sejam acompanhadas de coação física (LARROY E PUENTE, 2000, p. 66).

Professores e educadores devem rever seus planos, comportamentos, metas e considerar a disciplina/limites importantes na escola e que as crianças só podem aprendê-las se viverem em um ambiente que se aplique todos os dias. Disciplina, regras, restrições são necessárias para vivermos em sociedade.

3 CONCLUSÃO

A rotina é em si uma regra e uma disciplina. Como educadores e professores, precisamos criar regras que sejam consistentes com a participação das crianças porque, como vimos antes, elas sabem entender, construir e respeitar as regras. Lembrando que adultos, pais, professores e outros profissionais que trabalham nas escolas e nos CMEI's têm a responsabilidade de seguir as regras e dar o exemplo. As crianças observam todo o ambiente ao seu redor e, portanto, valorizam a importância da atitude "certa". Também nesta observação, verificou-se que os professores geralmente não valorizam os pensamentos da criança, o que dificulta o cumprimento das regras, pois para ensinar a criança é preciso convencê-la de que ela deve se sentir importante. Entendendo sua importância e percebendo que é respeitada, a criança aprende a também respeitar os outros.

O trabalho de ensinar limites e regras não é fácil, depende de um plano de ação que envolva escolas, famílias, comunidades e a sociedade em geral.

A sociedade às vezes não ensina nem cobra, mas reclama da falta de regras, respeito e bom senso com os outros que as crianças têm. Ela também se pergunta: como será o futuro? Por que os professores reclamam tanto da falta de disciplina dos alunos? Mas o que todos nós podemos fazer para mudar essa realidade?

As escolas têm um grande problema, mas a boa governança deve fazer com que os professores e toda a equipe escolar percebam a importância das regras democráticas e que temos potencial para mudar essa realidade. Entender os alunos como pessoas com direitos e obrigações, ensiná-los isso e criar regras juntos. As crianças são o nosso futuro e devemos respeitá-las, o respeito é o melhor para elas hoje e amanhã.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, Odara de Sá; ELALI, Gleice Azambuja. **Reflexões sobre o comportamento infantil em um pátio escolar. O que aprendemos observando as atividades das crianças.** Paidéia, Ribeirão Preto, vol.18 n.º.39, 2008.

LARROY, Cristina; PUENTE, Maria Luisa de La. **A criança desobediente: Estratégias de controle do comportamento.** São Paulo: Editora Scipione, 2000.

LA TAILLE, Yves de. **Limites: três dimensões educacionais.** Segunda edição. São Paulo: Ática, 1999.

2123

MACHADO, Patrícia Brum. **Comportamento infantil: Estabelecendo limites.** Quarta edição. Porto Alegre: Editora Mediação, 2007.

MILHOLLAN, Frank; FORISHA, Bill. **Skinner X Rogers: maneiras contrastantes de encarar a educação.** Tradução de: Aydano Arruda. Terceira edição. São Paulo: Summus, 1978.

PARRAT-DAYAN, S. **Como enfrentar a indisciplina na escola.** Tradução de: Sílvia Beatriz e Augusto Juncal. São Paulo: Contexto, 2008.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo, sonho, imagem e representação.** Tradução de: Álvaro Cabral e Christiano Monteiro Oiticica. Segunda edição. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1975.

RIBAS, Mariná Holzmann; CARVALHO, Marlene Araújo de; SCHIDT, Leide Mara. A disciplina na sala de aula: educação ou repressão. IN: D'ANTOLA. Arlete. **Disciplina na escola: autoridade versus autoritarismo**. São Paulo: EPU, 1989.

STOLTZ, Tania; MINDAL, Clara Brener; VALENTE, Tamara Silveira. Ministério da Educação. Universidade Federal do Paraná. **Psicologia da Educação**. Curitiba, 2010.

VIGOTSK. L.S. **Psicologia Pedagógica**. Tradução de: Paulo Bezerra. Terceira edição. São Paulo; Martins Fontes, 2010.